

**O HOMEM MERCADOLÓGICO QUE REZA E BLASFEMA E O DEUS DO NOVO SÉCULO: O NEOPENTECOSTALISMO E O IMEDIATISMO COMO ATRATIVOS DA FÉ CRISTÃ**

Pablo Matheus Andrade Trajano de Oliveira[[1]](#footnote-1)

Programa de Pós Graduação em Ciências das Religiões - PPGCR

/Mestrado Ciências das Religiões

/Universidade Federal da Paraíba /João Pessoa /PB

pablo.matheus.trajano@gmail.com

**RESUMO**

Este trabalho procura discutir as formas que o pentecostalismo e neopentecostalismo buscam para trazer um numero maior de adeptos para seus cultos. Discutem-se as manifestações e formas de agir dessas comunidades religiosas, bem como o discurso dos lideres, a ideia mercadológica que tem se formado em algumas das comunidades protestantes. A discursão sugere que ao longo das últimas décadas, a expansão pentecostal e neopentecostal no país contribuíram para transformar o campo religioso brasileiro. Os avanços dessas vertentes religiosas no Brasil colaboraram para intensificar a construção de um mercado religioso competitivo no país. Em tal perspectiva, consolida-se o pluralismo religioso, e as demais formas institucionais de religião tendem a rever suas formas institucionais e de abordagem. Nesta esteira de intelecção, percebemos o crescimento expressivo destas vertentes adotando novas estratégias institucionais e as suas relações com as demais religiões presentes no Brasil passam longe do ecumenismo. Pode-se afirmar que estes movimentos religiosos são muito diversificados internamente, marcados por grande pluralidade teológica, litúrgica, estética, organizacional. Estas variadas fontes são por vezes trazidas de outras denominações, o paradoxal é que apesar de não prezar pelo ecumenismo, não há o menor ressentimento em buscar elementos de outras denominações para fidelizar os clientes. Pode-se afirmar que há, na verdade, múltiplos pentecostalismos. Contudo, pode-se alegar que as igrejas pentecostais e neopentecostais brasileiras não prestaram serviços relevantes para ampliar o diálogo religioso, entretanto se empenham para fortalecimento das suas ambições enquanto instituições religiosas.

**ABSTRACT**

This paper seeks to discuss the ways that Pentecostalism and Neo-Pentecostalism seek to bring a greater number of adherents to their worship services. It discusses the manifestations and ways of acting of these religious communities, as well as the discourse of leaders, the marketing idea that has formed in some of the Protestant communities. The discourse suggests that over the last few decades, Pentecostal and Neo-Pentecostal expansion in the country have contributed to transform the Brazilian religious field. The advances of these religious aspects in Brazil collaborated to intensify the construction of a competitive religious market in the country. In this perspective, religious pluralism is consolidated, and other institutional forms of religion tend to revise their institutional and approach forms. In this wake of intellection, we perceive the expressive growth of these strands adopting new institutional strategies and their relations with the other religions present in Brazil pass far from ecumenism. It can be said that these religious movements are very diversified internally, marked by great theological, liturgical, aesthetic, and organizational plurality. These varied sources are sometimes brought from other denominations, the paradox is that although not cherishing ecumenism, there is no resentment in seeking elements of other denominations to retain customers. It can be said that there are, in fact, multiple Pentecostalisms. However, it may be argued that the Pentecostal and Neo-Pentecostal churches in Brazil have not provided relevant services to broaden religious dialogue, but they strive to strengthen their ambitions as religious institutions.

**PALAVRAS CHAVE:**

1. Fiéis. 2. Igreja moderna. 3. Mercado. 4. Liderança

**KEY WORDS:**

1. Faithful. 2. Modern Church. 3. Market. 4. Leadership

**1. BREVES EXPLICAÇÕES HISTÓRICAS.**

A postura ousada e agressiva que parte significativa da Igreja Protestante em suas variantes neopentecostais no Brasil adotou atualmente contribui para que a sua centralidade se desviasse de Cristo[[2]](#footnote-2), ou da mensagem primeira deste que seria para tal segmento o criador e se voltou para o homem e suas necessidades imediatas. Sob o enfoque das Ciências da Religião em tal perspectiva, percebe-se que é necessário um aprofundamento continuo neste quesito, pois, existem vários pontos a serem ainda compreendidos neste vasto universo.

Percebemos que algumas instituições das denominadas igrejas protestantes nas vertentes do pentecostalismo e neopentecostalismo são instituições que vem mudando muito ao longo do tempo as suas questões doutrinarias adaptando-se constantemente. Pode-se afirmar que estes movimentos religiosos são muito diversificados internamente, marcados por grande pluralidade teológica, litúrgica, estética, organizacional. Podem até cunhar alguns pontos específicos para as diferenciarem das outras denominações, entretanto, preservam e enaltecem o caráter centralizador dos seus lideres, bem como o caráter unilateral nos seus discursos. Ainda que a década atual estando inserida numa perspectiva dialogal de pluralismo e de uma hermenêutica conciliar[[3]](#footnote-3), estas empresas de salvação não se percebem e, portanto acabam não aceitando o outro em suas subjetividades. Acabam tecendo uma nova formula de interpretação da Escritura, pautada na lógica do mercado contemporâneo. Entretanto, a hermenêutica proposta por Geffré (2004), “é baseada a luz da palavra e parte de um reencontro entre Igreja e Evangelho, sob pretexto de fidelidade literal”. Geffré (2009) acredita que:

pode-se, e até mesmo deve-se, ler a Escritura à luz da tradição da Igreja, mas a condição de saber praticar a operação inversa, quer dizer: de reler as definições dogmáticas à luz dos resultados menos contestáveis da exegese cientifica e a condição de se permitir uma leitura hermenêutica das formulas dogmáticas, ou seja: de as ressituar em seu contexto histórico e de as submeter ao jogo da questão e da resposta. Uma definição dogmática é uma resposta que somente se compreende em relação com a situação histórica que a provocou. Como se sabe, o termo “dogma” tem um valor quase jurídico. É um decreto de aplicação da lei fundamental da qual vivem os cristãos em um momento histórico dado, geralmente em uma situação de crise. Não se trata de demonstrar que aquilo que era verdadeiro ontem tornou-se falso, mas em função de um consenso eclesial diferente, convém ressituar uma definição dogmática na totalidade da fé. Ela exerce, com efeito, uma função diferente quando torna-se o objeto de uma posse tranquila pelo conjunto da comunidade crente. ... Isto quer dizer que não só a Escritura deve ser interpretada à luz do dogma, mas também que o dogma deve ser compreendido à luz da Escritura. ... O método teológico deve estar sob o signo de uma interpretação reciproca do dogma e da Escritura (GEFFRÉ, 2009, p. 21 – 23).

Um dos problemas do pentecostalismo e neopentecostalismo no Brasil, esta em fazer uso de uma postura não dialogal e de uma hermenêutica da Escritura baseada na midiatização e seguindo o curso do mercado. A dogmática construída é à luz do mercado contemporâneo. Conforme Geffré (2009) não há risco absurdo de reler conforme a tradição da Igreja, porém, esta Igreja deve estar alinhada com o proposito do evangelho e não da mídia e consumo.

Para abranger o horizonte acerca da pluralidade e dialogo tomamos emprestadas algumas das cartas Circulares Conciliares[[4]](#footnote-4) de Dom Helder Camara, que fora Arcebispo de Olinda e Recife entre 1964 e 1985. D. Helder que entre 1962 e 1965 se fez presente no Concilio Vaticano II registrava em uma das varias Circulares que: “Quando ortodoxos e católicos nos completarmos, quando as duas metades se refizerem, haverá tanta luz, tanta riqueza interior que nossos irmãos protestantes vão sentir a reforma pela qual se ergueram, por cuja ausência protestaram” (CAMARA, 2009, p. 273). Na mesma perspectiva escrevia que, “os protestantes estavam encantados com o Concílio” (CAMARA, 2009, p. 45).

Fazendo-se um estudo cauteloso das Circulares, se percebe que D. Helder Camara registrava nas cartas, estas já aludidas em especifico, o anseio do Concilio, portanto, percebe-se uma procura pela união bem como se buscou uma discussão acerca do sagrado mais ampla[[5]](#footnote-5). Entretanto a vivencia nas igrejas modernas ditas protestantes destoa das discursões do Concilio, isto se dá por permanecer ainda nos dias atuais uma grande dificuldade no diálogo religioso. Acerca da dificuldade do dialogo religioso, D. Helder também deixou anotado que: “Se, de outra parte, só existe uma Igreja de Cristo, que pensar da divisão dos cristãos? E como o mundo não-cristão poderá reconhecer o universalismo cristão se os próprios mensageiros do Evangelho não se entendem entre si?” (CAMARA, 2009, p. 287). Através destas cartas percebemos que o desejo do ex-arcebispo bem como do Concilio era que houvesse uma comunhão, porém, a dificuldade é presente. As igrejas protestantes em especifico neopentecostais adotam um discurso separatista e mercadológico para destruírem o “concorrente” e atrair a atenção dos clientes, que neste caso são os fiéis que são disputados intensamente.

**2. PARA ONDE CAMINHA A IGREJA HOJE?**

Certamente, pode-se tentar fazer um paralelo entre a Igreja da idade média e a Igreja Brasileira do século XXI. Elementos da dogmática do catolicismo medieval como: estética, sistema organizacional, modelos de governo eclesiástico foram em partes absorvidos e reinterpretados pelo pentecostalismo, portanto, cria-se modelos imperialistas evangélicos para atender a emergência do novo século.

Para aproximar esses extemos ousamos dizer que os antigos sacerdotes católicos que hoje na sociedade moderna dentro da perspectiva pentecostal e neopentecostal recebem o titulo de “ungidos de deus”[[6]](#footnote-6) são a representação da constância de elementos imperialistas nos dias atuais. As instituições religiosas cristãs bem como os seus lideres precisam na ótica do ex-arcebispo D. Helder adotar um posicionamento diferente, ele afirmava que: “É urgente arrancar os cristãos do egoísmo, do comodismo, e acordá-los para os grandes problemas da hora atual” (CAMARA, 2009, p. 137). Entretanto, percebe-se o oposto, um cristianismo seletivo e voltado para interesses particulares de cada um dos agentes inseridos no campo. Em tal perspectiva, conforme a conceituação de Bourdieu (2011) um campo pode ser definido como:

um espaço social conceituado como campo se apresenta à apreensão sincrônica como um espaço estruturado de posições “cujas propriedades dependem das posições nestes espaços, podendo ser analisadas independentemente das características de seus ocupantes (em parte determinadas por elas)” (BOURDIEU, 2011, p. 69).

Um campo é ainda como um espaço social multidimensional de relações sociais entre agentes que compartilham interesses em comum, contudo, não dispõem dos mesmos capitais e competências. O campo pode ser ainda um espaço de disputa entre dominantes e dominados.

Pode-se argumentar que a estrutura social está amparada por um conjunto de crenças comuns, que produz um sistema de valores chamado de capital cultural. Numa concepção Bourdieusiana, Capital não se restringe apenas ao fator financeiro. Por toda herança do Marxismo na sociedade contemporânea pode-se ter como uma primeira análise a noção de capital ligada à abordagem econômica. Porém, dentro da perspectiva de Bourdieu, o uso do capital não é limitado apenas à área econômica. Analisando a obra de P. Bourdieu apreendemos que o mesmo aponta quatro tipos de capital: capital econômico; capital cultural; capital social; capital simbólico. Entre as diferentes formas de capital pode-se destacar o papel do capital econômico e o cultural como aqueles mais pertinentes para construir o espaço social das sociedades atuais.

Portanto, a junção de capitais distintos, mas que dialogam entre si, faz surgir a liderança que não dependeu exclusivamente de condição financeira, mas da transformação desse privilégio em recursos culturais, ou dos recursos culturais em condição financeira. E neste processo logico estes indivíduos aqui chamados de “ungidos de deus” reivindicam para si parte dos mesmos elementos que os antigos clérigos católicos o fizeram outrora, para Marques (2012) “a fome dos religiosos por “privilégios” acabou por tornar-se, até mesmo dentro do próprio mundo eclesiástico, um tremendo problema”. Para D. Helder, “A Igreja será pobre na medida em que trocar a mentalidade de prestígio, de poder e de mando pela mentalidade de servir” (CAMARA, 2009, p. 256).

**3. OS CULTOS**

Para um observador dotado de censo critico é fácil notar que o culto e o serviço da igreja na modernidade não estão totalmente centralizados na obra de “deus”, mas esta centralizada no próprio indivíduo bem como nas suas necessidades e aspirações imediatas. As celebrações e sermões da igreja atualmente estão abarrotados de expressões como, "hoje sua benção vai chegar" ou "creia! e tome posse da vitória" ou ainda “faça sua doação de fé no altar”, ao final de cada culto (show) após uma mensagem impregnada de emoção centralizada apenas no homem e suas necessidades finitas um apelo é feito, e estes locais previamente aparelhados com dispositivos eletrônicos de crédito, oferecem ao cliente mais comodidade, desta forma nenhum freguês fica de fora e pode fazer sua doação, e o “senhor” pode receber as ofertas dos fiéis e nesta logica moderna, devolve-las em dobro.

A critica mais frequente e a mais contundente às igrejas pentecostais autônomas, especialmente à Universal do Reino de Deus, é que elas exploram financeiramente os pobres e que os pastores se enriquecem pedindo uma grande quantidade de dinheiro. De fato, é chocante ver tanta gente pobre, fraca, desdentada, mal vestida, dar tanto dinheiro para pastores jovens, bem vestidos, com saúde, de carro novo e com aparência de classe mais alta. (MARIZ, 1995, Apud BONFANTTI, 2000, p. 67).

Em tal perspectiva, Caillois (1988) afirma que esse movimento caracteriza-se como o de uma *generosidade interessada*, pois, antecipa-se o beneficio que se procura obter. Portanto, aqui, Cristo mais se parece um curandeiro[[7]](#footnote-7). Outro aspecto interessante também analisado por Caillois (1988) é que o fiel se torna credor de “deus” que agora tem a obrigação de retribuir o sacrifício realizado pelo devoto. Na voz dos pregadores o deus se assemelha ao gênio da lâmpada dos contos infantis sendo capaz de realizar as mais incríveis proezas sobrenaturais. Seguindo o curso mais apelos são feitos durante a celebração e para aqueles que desejam receber a “oração” do "ungido", que a esta altura já esta impregnado de uma aura mística, precisam conforme Caillois (1988) “se despir do mundo material” e que venham até a frente crendo, porque se o sobrenatural não acontecer, é falta de fé e o culpado é exclusivamente o fiel. Lucas Leite (2010) afirma que:

Na teologia da prosperidade a pobreza é resultado de uma vida sem fé. Pois o verdadeiro cristão, liberto do pecado original pelo sacrifício de cristo tem direito a uma vida em paz, com saúde perfeita e em abundancia. Basta apenas seus seguidores tomar posse de tais bênçãos já concedidas espiritualmente (LEITE, 2010, p. 57).

Para que o “deus” lhes dê a tão esperada benção as mesmas pessoas estão condicionadas a essa prática rotineira de frequentar estes locais de culto. Ainda, acredita-se estar em *pecado* pelo fato de não frequentar as celebrações, o sentimento constrangedor de não participar e assim perder a “benção” ministrada pelos pastores ou bispos para alguns fieis é de extrema vergonha, uma vez que estar inserido no campo dos que comentem o pecado é degradante, pois a comunidade confere ao sacerdote o poder de *disciplinar* o pecador e tornar pública sua *subversão.*

O culto esta cheio de elementos mágicos[[8]](#footnote-8) e eventos para enlaçar o fiel, como as correntes de oração que fazem o individuo ficar aprisionado a vários ciclos na igreja. Dentro destas correntes existem grupos seletos e fica claro a distinção e segregação ou separatismo como afirma Esperandio (2010):

Ficam de fora do templo aqueles(as) que não servem de espelho para o outro. Os espelhos que “servem” são aqueles que possibilitam ao sujeito o reconhecimento de si: seja na identificação de uma busca “em comum” de prosperidade, felicidade e bem-estar, ou então na identificação de uma imagem que o individuo antecipa como sua no futuro próximo (ESPERANDIO, 2010, p. 142).

Segundo Esperandio (2010) só serve de espelho o individuo que ainda pode participar de coletivos, então, os mendigos, vagabundos, o ser completamente sozinho desgarrado do tecido social não pode se inserir em nenhum coletivo e por isso não serve como espelho. Estas pessoas desgarradas não tem perspectiva de crescimento em nenhuma parte, e o crescimento econômico esta intrínseco. Para Weber (2004) o sucesso econômico era interpretado como benção divina como sinal de ser um eleito de deus. Portanto nestas celebrações:

Manipula-se deus para a obtenção do sucesso e da riqueza, porque a motivação não é mais a salvação, mas sim o sucesso e a riqueza em si. Não é, pois, o trabalho nem o lucro que está entre o individuo e Deus. A finalidade última é o sucesso e a riqueza material, e Deus tornou-se o “meio”. Entre o individuo e a prosperidade econômica (e estabilidade emocional) está em Deus, como algo a ser manipulado em favor do individuo. O lucro, sobretudo o seu gozo (mas não para todos) torna-se finalidade última da existência e passa a sustentar normas de um padrão ideal que são a prosperidade econômica, a felicidade e bem-estar físico e emocional (ESPERANDIO, 2010, p. 148).

Neste ponto percebe-se um individuo religioso que trabalha sua ética e moral dentro de uma perspectiva neoliberal na qual a ideia de sociedade é ignorada e surge um modo de vida individualista fomentado por determinadas denominações pentecostais e neopentecostais mais agressivas. Outro fator a ser mencionado é que deus neste quesito é um capitalista e têm como base as relações de troca com lucro. Entretanto, para os participantes estes cultos tem uma dimensão transcendental e estes mesmos participantes creem veementemente no que vivenciam.

**4. ANÁLISE DOS LIDERES**

O homem moderno coloca sua fé em sacerdotes que reivindicaram para si elementos que os sacralizam em relação os outros agentes do campo. Estes agentes constroem em volta de si um misticismo que os destacam em meio a multidões e os colocam como santificados. Mellet (2009) afirma que:

Contudo é preciso achar algo que una o mais comum dos mortais, suas queixas e súplicas, às dadivas e o Reino dos Céus que agora não está sobre as nuvens, no pós-vida. Não se trata mais de uma promessa invisível de recompensar as aguras da vida pela fé. O individuo moderno reclama a resolução das suas angustias e dos seus problemas materiais deste mundo, de modo imediato e tangível aos seus sentidos, uma palavra que se possa acreditar, que seja convincente, que faça mover a esperança adormecida no fundo da sua alma, alguém que o sacuda e desperte. Esta mediação é feita através da figura do pastor neopentecostal. (MELLET, 2009, p. 80)

Para Kant, conforme citado por Ferry (2012) observamos e compreendemos que estes agentes ou indivíduos estão num estado de Heteronomia. Segundo Kant (Apud, FERRY, 2012) todos os seres humanos tem capacidade de agir com autonomia desde que sejam racionais. Mas nem todos os agentes inseridos no campo usam ou percebem essa capacidade. Algumas pessoas não vivem de acordo com os princípios que elas mesmas escolheram, e preferem viver deste modo, que numa concepção Kantiana é entendida como mais simplificada. Estes indivíduos estão sendo conduzidos pela maneira que outras pessoas pensam como elas devem viver. Para Kant, Heteronomia é a condição de deixar que a sua vida e ações sejam determinadas por autoridades ou forças externas. Estes definidores podem ser: deuses, sacerdotes, reis, doutores, políticos. Nesta perspectiva o pastor neopentecostal é um agente que retira autonomia do sujeito por meio dos seus discursos. Através de todo este poder obtido com a excelente junção dos capitais culturais e simbolicos o pastor traz para si toda mística necessária para se tornar “santo” entre os demais e consegue se preservar no seu campo no qual se torna intocável e nesta lógica todos os fiéis estão impuros e precisam estar sempre em penitencia. Então, o pastor agora lhes impõe uma obediência. Para Max Weber o homem esta apto a criar modelos de dominação. Numa lógica Weberiana, entendemos que é próprio da natureza humana aceitar a obediência e os lideres religiosos percebem isto e usam de elementos como: carisma, interesse material e ideal para conquistarem lugares privilegiados no campo e terem a obediência do povo.

Para Weber, carisma é uma qualidade pessoal que extrapola o cotidiano. A sua origem mágica está condicionada aos profetas, sábios, curandeiros, juízes e heróis. Pela sua excepcionalidade, atribui-se ao carismático poder sobre-humano, magico. Seus dominados o vêem ainda como uma espécie de enviado de Deus. Dessa forma se dá a sua legitimação como líder autêntico, sendo a devoção afetiva que lhe é conferida através da crença em suas faculdades mágicas e, também, pela sua oratória. (MOTTA, 1983, apud MELLET, 2009, p. 67).

O Doutor em História das Religiões Luiz Carlos Luz Marques pontua que:

Porque, se há algo em comum que mancomuna, desde tempos imemoriais, os “operadores sociais do sagrado” – bruxos, adivinhos, magos, xamãs, imãs, sacerdotes – e seus assemelhados – homens e mulheres que se consagram a um particular caminho de “santidade”, entre os tantos que as mais diversas religiões institucionalizadas vêm oferecendo ao longo da história –, além do fato básico de serem “operadores” socialmente reconhecidos – e tantas vezes temidos – do “sagrado”, nas sociedades em que as respectivas religiões institucionalizadas têm presença significativa no campo religioso, este algo é a pretensão constante de serem merecedores de privilégios, que os distingam dos comuns mortais e os preservem, imunizando-os, das vicissitudes destes, para que possam melhor dedicar-se às “coisas do alto (MARQUES, 2012, p. 218).

A partir de Marques (2012) observamos os lideres dessas tendências religiosas engajados num plano que os mesmos julgam serem os planos de deus nas suas vidas. Se tornando seres separados da *humanidade* ou dos *comuns mortais* e adquirindo poderes mágicos. Para Evans-Pritchard (1978) a magia é uma atividade de substituição nas situações em que faltam meios práticos para conseguir um objetivo; e sua função é catártica ou simuladora, dando ao homem coragem, alívio, esperança, tenacidade. Estes elementos expostos por Evans-Pritchard (1978) fazem parte dos diferentes cultos dos pastores mais populares do Brasil. Estes mesmo pastores conseguem a devoção do povo e se tornam espelhos que refletem sua santidade. Este estágio de elevação é obtido não apenas através do contato pessoal, mas com grandes shows religiosos, eventos midiáticos e com forte presença na televisão (cf MELLET, 2009, p. 44 - 50).

Estes segmentos da religião cristã no mundo moderno trazem para o interior das suas práticas elementos que se adequam as mais variadas realidades humanas, trabalhando desta forma um caráter mercadológico da religião, moldando a noção de sagrado de acordo com a necessidade econômica vigente nos dias atuais. Segundo Caillois (1988).

O sagrado pertence como uma propriedade estável ou efêmera a certas coisas (os instrumentos do culto), a certos seres (o rei, o padre) a certos espaços (o templo, a igreja, os lugares régios), a certos tempos (o domingo, o dia de páscoa, o natal, etc.). Nada há que não possa revestir assim aos olhos do individuo ou da coletividade um prestigio sem igual (CAILLOIS, 1988, p. 20).

O ambiente que se encontra o sagrado pode ser mutável, não é algo estático, então existe a possibilidade de haver transição dos locais e objetos sagrados. É neste ponto que é feita a *mistura sincrética* com diversos segmentos de religiosidade popular e nesta perspectiva são elaborados *planos* para atrair mais frequentadores e colaboradores.

Conforme Lucas Leite (2010):

Entre as praticas magicas realizadas no brasil, podemos observar nos grupos de religiosidade afro-brasileira, umbanda, candomblé, e suas variáveis sincréticas com elementos indígenas e kardercistas, a iniciação ocorre com pessoas beneficiadas por algum feitiço, ou que no decorrer da intervenção magica, mostram possuir alguma disposição para o oficio, (Cf BASTIDE, 1960, p 402) de maneira similar acontece em igrejas neopentecostais, nas quais os curados pelo espirito santo apresentam seus testemunhos de fé e , muitas vezes essas pessoas se engajam no serviço da igreja como obreiros ou ate pastores (LEITE, 2010, p. 20).

Nesta perspectiva Pierucci; Prandi, (1996) acreditam que:

A conversão religiosa nasce de uma experiência que esta fora do sagrado. O individuo vai ao medico e este não o cura, leva uma vida pautada por tudo aquilo que acredita dele se esperar e de repente vê escorregar por entre os dedos a segurança e a certeza de poder até mesmo prover-se materialmente e à sua família, persegue objetos comezinhos e não os alcança, sofre perdas emocionais e enfrenta-se com a morte, mas não é capaz de atinar com seu sentido. A religião supre aquilo que o mundo profano não dá. O catolicismo há muito tempo se recusa a curar, preferindo entregar à ciência a competência de tratar males físicos e emocionais. É nesse momento, quando a medicina falha, a racionalidade econômica frustra, a certeza dos propósitos rui, que as alternativas religiosas se mostram como respostas. É no momento da crise existencial que a conversão se dá, quando se manifesta a cura, quando o problema se resolve, quando a vida recupera sentido. (PIERUCCI; PRANDI, 1996, p. 17).

**5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Nosso esforço investigativo chega até aqui fazendo uma analise do neopentecostalismo e seu imediatismo como atrativos para os fieis. Para esta tendência ou ramificação da religião cristã a fé é um produto. De tal modo a bíblia nesta perspectiva acaba sendo comercializada como um remédio que na medida correta atinge seu objetivo. Portanto o bem-estar é um dos principais produtos comercializados nos templos. A principal arma que se tem para atrair os clientes é o *Dinheiro* que é colocado como a principal ferramenta para solução de todos os problemas espirituais da sociedade moderna. Conforme Mellet (2010) “a igreja neopentecostal promove a proximidade do fiel com *deus* de forma bastante diferenciada”. Propõe-se aqui um cristo para ser o solucionador dos problemas em curto prazo pautado no fator financeiro, além disso, conforme Caillois (1988) “o fiel se torna credor de deus”, consequentemente o cliente poderá cobrar futuramente o seu benefício.

Outro aspecto notável é que o pastor neopentecostal assume o papel do mediador do agente com o *Cristo* que agora é devedor deste fiel, porém este mesmo *Cristo* ainda permanece santo, logo é necessária a intervenção de alguém igualmente santificado e essencialmente puro para fazer tal mediação. Este intermédio é realizado pelo ministro de deus (pastor) que assume caráter místico e sobrenatural, de tal modo, este indivíduo consegue o respeito e admiração da congregação. Desta forma a manipulação de elementos para dominação de acordo com interesses pessoais é parte integrante dos cultos. O neopentecostalismo adquire uma postura proselitista e agressiva além de assumir um caráter unilateral dentro do campo religioso brasileiro, percebe-se que a igreja neopentecostal traz para si uma estratégia de marketing e comercio arrojada e realiza através destes mecanismos uma propaganda bem estruturada com enorme poder de persuasão na sociedade brasileira, estilhaçando e criando uma nova concepção de sagrado para os dias atuais.

**6. REFERENCIAS**

ANTONIAZZI, Alberto; MATOS, Henrique Cristiano José. **Cristianismo 2000 anos de caminhada**. São Paulo: Paulinas, 1996.

BASTIDE, Roger. **As religiões africanas no Brasil:** contribuições a Uma Sociologia das interpenetrações de Civilizações. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1960.

BOURDIEU, Pierre. **A produção da crença**, contribuição para uma economia dos bens simbólicos. 2. ed. São Paulo: Zouk, 2004a.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. **A economia das trocas simbólicas**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004b.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. **Coisas ditas**. 1ª reimp. da 1ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2004c.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. **O poder simbólico**. 15. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

BONFANTTI, Paulo. **A expressão popular do sagrado**: Uma análise psico-antropológica da Igreja Universal do Reino de Deus. São Paulo: Paulinas, 2000.

CAILLOIS, Roger. **O homem e o sagrado.** Lisboa: Edições 70, 1988.

CAMARA, H. **Circulares Conciliares**: de 13/14 de outubro de 1962 a maço de 1964. Luiz C. L. Marques e Roberto A. Faria, orgs. Recife: CEPE, 2009. Coleção Obras Completas de Dom Helder Camara, Volume I, Tomo 1.

CASTRO, Hebe. “História Social”. In: CARDOSO, Ciro F.; VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História**: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CRUZ, Eduardo Rodrigues da. **A persistência dos deuses**: religião, cultura e natureza. São Paulo: UNESP, 2004

GEFFRÉ, Claude. **Crer e interpretar**: a virada hermenêutica da teologia. Petrópolis, RJ: 2004

FERRY, Luc. **Uma leitura das três “Criticas**”; tradução de Karina Jannini – Rio de Janeiro: DIFEL, 2012

LEITE, Lucas Farias de Vasconcelos. **A Dimensão Institucional da Magia no Neopentecostalismo:** O Papel Decisório do Poder Mágico como Atrativo a Adesão Religiosa na Igreja Universal do Reino de Deus. Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião defendida na Universidade Católica de Pernambuco, Pós-graduação em Ciências da Religião, 2010.

MAINWARING, Scott. **Igreja Católica e política no Brasil**, 1916-1985. São Paulo: Brasiliense, 1989.

MAUSS, Marcel. **Esboço de uma Teoria Geral da Magia**. Lisboa: Editora, Edições 70. 2000

MARQUES, Luiz Carlos Luz. **Operadores Sociais do Sagrado**: Direito e Deveres Civis. Revista de Teologia e Ciências da Religião da UNICAP – v.1. n.1. p. 217-226. 2012

MELLET, Luiz Ernesto. **A retorica do sobrenatural na tv:** um estudo da persuasão do neopentecostalismo. Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião defendida na Universidade Católica de Pernambuco, Pós-graduação em Ciências da Religião, 2009.

PIERUCCI, Antonio Flávio & PRANDI, Reginaldo. **A realidade social das religiões no Brasil:** religião, sociedade e política. São Paulo: Hucitec, 1996.

EVANS-PRITCHARD, E.E. **Antropologia Social da Religião**. Editora Campus, Rio de Janeiro, 1978.

ESPERANDIO, Mary Rute Gomes. RELIGIÃO E SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA: um Deus feito à imagem e semelhança do indivíduo? in ROSSI, Luiz Alexandre Solano. KUZMA, Cesar. **Cultura, religião e sociedade**: um diálogo entre diferentes saberes / organizado por Luiz Alexandre Solano Rossi e Cesar Kuzma. – Curitiba: Champagnat, 2010.

WEBER, Max. **A Ética Protestante e o Espirito do Capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

1. Mestrando em Ciências das Religiões pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Membro do Grupo de Pesquisa VIDELICET - vinculado ao PPGCR - UFPB e CNPq. Graduado no Curso de Licenciatura Plena em História pela Universidade Católica de Pernambuco. [↑](#footnote-ref-1)
2. Conforme Mainwaring, “ao competir com outras religiões, a Igreja pode empenhar-se em práticas inconsistentes quanto a seu próprio credo. Nesse sentido, a proteção de seus interesses pode entrar em conflito com a mensagem religiosa inicial” (MAINWARING, 1989, p. 16). [↑](#footnote-ref-2)
3. GEFFRÉ, Claude. **Crer e interpretar**: a virada hermenêutica da teologia. Petrópolis, RJ: 2004, p. 29 -64 (Capítulo intitulado: *A teologia como hermenêutica*) e p. 65 - 82 (Capitulo intitulado: *Por uma hermenêutica conciliar*). [↑](#footnote-ref-3)
4. Trata-se de um conjunto de seus escritos produzidos durante o Concílio Vaticano II (1962-1965), publicado sob o título de Cartas Circulares Conciliares. “Escrevê-las era um hábito do arcebispo, conforme o organizador da edição crítica, Prof. Dr. Luiz Carlos Marques. Ele o fazia para um reduzido e fiel grupo de colaboradoras e colaboradores que, desde os anos 40 do século XX, reuniu-se pouco a pouco em torno dele, primeiro na Secretaria Nacional da Ação Católica, depois, na Secretaria Geral da CNBB. Grupo que ele, carinhosamente, chamava de “Família”. Assim, o conteúdo peculiar das Circulares Conciliares refletia sua preocupação em “cuidar da Família”, isto é, orientar seu crescimento espiritual e intelectual, capacitando-a, como equipe, às tarefas que ele delegava, no funcionamento da secretaria da Conferência dos Bispos do Brasil, CNBB” (MARQUES, in CAMARA, 2009, p. 36). No artigo publicado com o titulo: HELDER CAMARA E A RELIGIOSIDADE DO NORDESTE BRASILEIRO NO CONCÍLIO VATICANO II, Pablo OLIVEIRA e Luiz MARQUES discutem acerca das circulares e da religiosidade popular em Dom Helder. [↑](#footnote-ref-4)
5. Havia fortes tensões entre dois grupos. O primeiro mostrava mais sensibilidade com as realidades do mundo e as necessidades de renovação. Era aberto ao dialogo ecumênico e pleiteava uma teologia de cunho mais pastoral e bíblico. O segundo grupo contava com apoio da Cúria Romana. Para eles a conservação integral do deposito da fé era questão vital junto com a estabilidade da Igreja e o caráter monárquico da sua constituição (ANTONIAZZI; MATOS, 1996, p. 179). [↑](#footnote-ref-5)
6. Existem na Bíblia trechos onde aparecem estas expressões. (Ele disse: Não toqueis nos meus ungidos; não maltratem os meus profetas. Sl - 105:15). Logo, este termo (ungido do senhor) é bastante utilizado e tem sido interpretado por muitos evangélicos como um princípio bíblico no qual atribuísse elementos de destaque e místicos aos pastores, estes por sua vez são os principais influenciadores e divulgadores que o ungido é um ser diferenciado. Quando o líder incorpora o titulo de ungido não se pode acusa-los, questioná-los, criticá-los, desta forma estes indivíduos separam-se do mundo. Este elemento, “a unção do senhor” funciona como uma espécie de proteção e imunidade dada pelo próprio deus aos seus ungidos. Logo, andar na contramão disto e estar contra os lideres nesta perspectiva é ir contra o próprio criador. [↑](#footnote-ref-6)
7. Para Marcel Mauss, curandeiro ou mágico é aquele individuo dotado de um espirito de líder religioso, este, possui elementos que o distinguem do resto da sociedade na qual está inserido. Para Mauss, quando não existia uma distinção tão grande entre magia e religião os indivíduos destinados a fazer o intermédio entre as coisas sobrenaturais e o mundo terreno, ou físico, poderia ser o curandeiro ou o mágico. MAUSS, Marcel. Esboço de uma Teoria Geral da Magia. Lisboa: Editora, Edições 70. 2000 [↑](#footnote-ref-7)
8. Segundo Eduardo Cruz todo culto possui elementos mágicos. Pois: Há que se perguntar qual seria a distinção entre religião e magia, na medida em que esta última também lida com entidades e forças ocultas poderosas. No passado faziam-se distinções rígidas, atribuindo à religião um papel benigno e reverente, e à magia um aspecto perverso, manipulador, supersticiosas. Hoje essas fronteiras já estão mais diluídas na mente daqueles que discutem o assunto. Partindo da premissa de que a maioria das religiões supõe algum elemento de contato com as realidades ultimas por meio de símbolos, encantações e gestos, o fato é que toda religião contém elementos mágicos: a oração e a suplica não deixam de ser pequenas formas de intervir no curso dos acontecimentos, além dos rituais individuais e coletivos que associamos às religiões. Mesmo as práticas meditativas, os mantras e o esvaziamento das perturbações da consciência não deixam de possuir resíduos mágicos: a administração, a nosso favor, de uma força extra-sensorial e determinante no fluir da existência (CRUZ, 2004, p. 32). [↑](#footnote-ref-8)